

Cinco poetas equatorianas de Hoje: Albuja, Toledo, Soria, Martínez, De la Torre

Selección y traducción:

Antônio Fernandes Góes Neto y Bruna Chung Abate

Resumen

En la poesía, Manuel Bandeira y Jorge Carrera Andrade. Carlos Drummond, Thiago de Mello y Jorge Enrique Adoum, que igualmente menciona a Vinicius de Moraes. En la prosa y en el ensayismo, no menos importantes, Guimarães Rosa y Benjamín Carrión; los estudios de Paulo de Carvalho Neto sobre Ecuador y los de Alfonso Carrasco Veintimilla sobre Brasil. Tenemos noticias de intercambios entre poetas e intelectuales brasileños y ecuatorianos durante el siglo XX. ¿Pero, y en relación a las poetas de ambos países?

Los escenarios contemporáneos nos han abierto nuevas posibilidades de difusión e investigación de las literaturas escritas por mujeres. Haya vista la ausencia de estudios y traducciones previas, esta antología en formato digital es uno de los intentos de dar a conocer al público general la gran cantidad de mujeres dedicadas a la literatura, valiéndose del esfuerzo voluntario de muchas de ellas para esta publicación. Que sea la primera de varias.

Esta antología propone, por lo tanto, la difusión de la literatura ecuatoriana en Brasil, a través de su traducción al portugués brasileño. Está compuesta por poemas de cada una de las cinco poetas de la colección Mantis, publicada por la editorial Bichito, conformada por los siguientes libros: *Autorretrato*, de Marialuz Albuja; *Lugares rotos*, de Janeth Toledo Vintimilla; *Casa de mariposas negras*, de Rocío Soria; *Gotea*, de María de los Ángeles Martínez; *Cola de reptil*, de Sandra De La Torre Guarderas.

Resumen

Na poesia, Manuel Bandeira e Jorge Carrera Andrade. Carlos Drummond, Thiago de Mello e Jorge Enrique Adoum, que também menciona Vinícius de Moraes. No campo da prosa e do ensaísmo, não menos importantes, Guimarães Rosa e Benjamín Carrión; os estudos de Paulo de Carvalho Neto sobre o Equador e os de Afonso Carrasco Veintimilla sobre o Brasil. Temos, de fato, notícias de intercâmbios entre poetas e intelectuais brasileiros e equatorianos ao longo do século XX. Mas, e em relação às poetas de ambos os países?

Os contextos contemporâneos nos abriram novas possibilidades de divulgação e pesquisa das literaturas escritas por mulheres. Dada a falta de estudos e traduções anteriores, esta antologia em formato digital é uma das tentativas de dar a conhecer ao público em geral a grande quantidade de mulheres dedicadas à literatura, contando com o esforço voluntário de muitas delas para esta publicação. Que seja a primeira de muitas...

Portanto, esta antologia propõe a divulgação da literatura equatoriana no Brasil por meio da sua tradução para o português brasileiro. Ela está composta por poemas de cada uma das cinco poetas da coleção Mantis, publicada pela editora Bichito, formada pelos seguintes livros: *Autorretrato*, de Marialuz Albuja; *Lugares rotos*, de Janeth Toledo Vintimilla; *Casa de mariposas negras*, de Rocío Soria; *Gotea*, de María de los Ángeles Martínez; *Cola de reptil*, de Sandra De La Torre Guarderas.

Antônio Góes & Bruna Chung

Uma tradução da poesia equatoriana para o português brasileiro

A qualidade de uma tradução é um desafio constante, especialmente para aqueles que se aventuram nesse campo. A tarefa do tradutor é complexa, pois busca transmitir não apenas o significado literal, mas também a essência estética contida no original. No entanto, por mais diligente que seja, o tradutor não pode recriar completamente os passos do autor na concepção da obra original. Isso se deve em parte à singularidade de expressão do autor e em parte à influência da interpretação pessoal do tradutor, moldada por suas experiências de vida e sua visão de mundo. Além disso, embora a tradução do espanhol para o português possa parecer simples devido à proximidade entre os idiomas, existem nuances intraduzíveis que representam a soma das experiências compartilhadas historicamente por um coletivo de pessoas, refletidas nas peculiaridades de cada idioma.

Alguns podem argumentar que a missão do tradutor é ingrata, semelhante à tentativa de capturar a majestade da lua cheia e alaranjada em uma simples fotografia, apenas para se decepcionar com o resultado final. Embora a imagem possa ser bonita, nunca se equipará à experiência de contemplar a cena com os próprios olhos. No entanto, é crucial reconhecer que há ocasiões em que uma fotografia, mesmo imperfeita, captura algo mais do que a paisagem. Até mesmo filmes analógicos mal revelados, expostos inadequadamente à luz, podem revelar uma beleza acidental. É a partir dessa perspectiva que enfrento o processo de tradução dos poemas desta antologia, escritos por cinco mulheres equatorianas que expressam a intensidade de suas vivências através da palavra poética.

Abraço essa imagem e mergulho na jornada impossível da tradução com um olhar diferente: o horizonte da expansão de significados. A leitura desses poemas, que surgem como um suspiro da alma dessas mulheres, me atravessa. De alguma forma, sinto-me convidada a adentrar o santuário íntimo de suas vidas e, ao percorrer os corredores tecidos por suas palavras, deixo minha marca. Tento caminhar com cuidado para não perturbar o tranquilo ambiente da morada dessas mulheres. No entanto, não passa muito tempo antes que os ruídos surjam, independentemente de minha vontade. Persistem, mas também abrem espaço para que as vozes de cada uma dessas mulheres ressoem de formas inesperadas e alcancem outras vozes.

Com esta tradução, buscamos estreitar os laços entre as vozes de mulheres equatorianas e brasileiras. Observa-se uma profunda conexão entre a poesia feminina contemporânea do Equador e do Brasil: versos livres, autoficção e a potência desse impulso poético que, com a força de seus punhos, alcança a profundidade do coração. Essas mulheres seguram firmemente seus corações na palma da mão e os ex-

põem como una oferenda em homenagem à vida em todos os seus aspectos: a dor, o amor, a solidão e a comunhão.

Assim como a lua cheia capturada em uma fotografia, estas palavras talvez não consigam transmitir toda a magnitude dos poemas dessas mulheres, mas ainda assim capturam um momento, uma emoção, uma centelha de sua essência. Cada palavra, cada verso, é uma tentativa humilde de preservar a beleza e a riqueza de suas vozes. Que esta tradução sirva como uma ponte entre culturas, um convite para que mais corações se abram às histórias e reflexões compartilhadas por essas mulheres, celebrando nossas diferenças e reconhecendo nossa interconexão. Que suas palavras ressoem além das fronteiras, inspirando e comovendo aqueles que as encontrarem, assim como me comoveram profundamente ao longo deste processo de tradução.

Una traducción de la poesía ecuatoriana al portugués brasileño

La calidad de una traducción es un desafío constante, especialmente para aquellos que se aventuran en este campo. La tarea del traductor es compleja, ya que busca transmitir no solo el significado literal, sino también la esencia estética contenida en el original. Sin embargo, por más diligente que sea, el traductor no puede recrear completamente los pasos del autor en la concepción de la obra original. Esto se debe en parte a la singularidad de expresión del autor y en parte a la influencia de la interpretación personal del traductor, moldeada por sus experiencias de vida y su visión del mundo. Además, aunque la traducción del español al portugués puede parecer sencilla debido a la proximidad entre los idiomas, existen matices intraducibles que representan la suma de las experiencias compartidas históricamente por un colectivo de personas, reflejadas en las peculiaridades de cada idioma.

Algunos pueden argumentar que la misión del traductor es ingrata, similar al intento de capturar la majestuosidad de la luna llena y anaranjada en una simple fotografía, sólo para decepcionarse con el resultado final. Si bien la imagen puede ser hermosa, nunca se equiparará a la experiencia de contemplar la escena con los propios ojos. Sin embargo, es crucial reconocer que hay ocasiones en las que una fotografía, incluso imperfecta, captura algo más que el paisaje. Incluso las películas analógicas mal reveladas, expuestas inadecuadamente a la luz, pueden revelar una belleza accidental. Es desde esta perspectiva que me enfrento al proceso de traducción de los poemas de esta antología, escritos por cinco mujeres ecuatorianas que expresan la intensidad de sus vivencias a través de la palabra poética.

Abrazo esta imagen y me sumerjo en la jornada imposible de la traducción con una mirada diferente: el horizonte de la expansión de significados. La lectura de estos poemas, que surgen como un suspiro del alma de estas mujeres, me atraviesa. De alguna manera, me siento invitada a adentrarme en el santuario íntimo de sus vidas y, al recorrer los pasillos tejidos por sus palabras, dejo mi huella. Intento caminar

con cuidado para no perturbar el tranquilo ambiente del hogar de estas mujeres. Sin embargo, no pasa mucho tiempo antes de que los ruidos surjan, independientemente de mi voluntad. Persisten, pero también abren espacio para que las voces de cada una de estas mujeres resuenen de formas inesperadas y alcancen a otras voces.

Con esta traducción, buscamos estrechar los lazos entre las voces de mujeres ecuatorianas y brasileñas. Se observa una profunda conexión entre la poesía femenina contemporánea de Ecuador y Brasil: versos libres, autoficción y la potencia de este impulso poético que, con la fuerza de sus puños, alcanza la profundidad del corazón. Estas mujeres sostienen firmemente sus corazones en la palma de la mano y los exponen como ofrenda en homenaje a la vida en todos sus aspectos: el dolor, el amor, la soledad y la comunión.

Así como la luna llena capturada en una fotografía, estas palabras quizás no logren transmitir toda la magnitud de los poemas de estas mujeres, pero aun así capturan un momento, una emoción, una chispa de su esencia. Cada palabra, cada verso, es un intento humilde de preservar la belleza y la riqueza de sus voces. Que esta traducción sirva como un puente entre culturas, una invitación para que más corazones se abran a las historias y reflexiones compartidas por estas mujeres, celebrando nuestras diferencias y reconociendo nuestra interconexión. Que sus palabras resuenen más allá de las fronteras, inspirando y conmoviendo a aquellos que las encuentren, así como me han conmovido profundamente a lo largo de este proceso de traducción.

1. Autorretrato

Marialuz Albuja Bayas

Nacida en Quito, 1972, ha publicado los poemarios *Las naranjas y el mar*, *Llevo de la luna un rayo*, *Paisaje de sal*, *La pendiente imposible* y *Detrás de la brisa*. En 2017, la Academia Hispanoamericana de Buenas Letras le otorgó el premio Dámaso Alonso en la categoría Creación Literaria. En 2012, obtuvo mención de honor del premio César Dávila Andrade de poesía y en 2008 ganó el premio Proyectos Literarios, otorgado por el Ministerio de Cultura del Ecuador. En novela ha publicado *En caso de emergencia (no) rompa el vidrio* y *Maura*, ambas obras ganadoras del premio Darío Guevara Mayorga a la mejor obra publicada en su categoría (2017 y 2019, respectivamente). Su obra ha sido parcialmente traducida a varios idiomas y actualmente colabora con la Academia Ecuatoriana de la Lengua.

O desterro
Guilin, ano do cavalo

I.
Embora minhas mãos não a toquem mais

há música em mim
a mesma música da chuva
que no oriente correu entre as minhas
palmas
quando tentei me salvar naquela noite
como a uma selva
como a um vestígio.

Ainda resta música
espesa
envolta
pronta para me fluir do oriente distante
quando retornar ao seu nascimento
para olhar no seu fundo líquido esse
reflexo de proximidade
que em outra terra foi identidade.

Embora minhas mãos não a toquem mais
embora meus lábios não a chamem mais
será carícia
poço
poema
pegada úmida sob as montanhas de quem
fui.

El destierro
Guilin, año del caballo

I.
**Aunque mis manos ya no la toquen
hay música en mí**

la misma música de la lluvia
que en el oriente se resbaló por mis pal-
mas
cuando intenté rescatarme esa noche
como a una selva
como a un vestigio.

Aún queda música
espesa
envuelta
lista a fluirme desde el oriente lejano
cuando retorne a su nacimiento
para mirar en su fondo líquido ese
reflejo de cercanía
que en otra tierra fue identidad.

Aunque mis manos ya no la toquen
aunque mis labios ya no la llamen
será caricia
pozo
poema
húmeda huella bajo los montes de la que
fui.

II.
Com nada além dos nossos olhos
rasgamos o véu de água
que se estendia sobre a terra
e obscuro
emergido dos templos
deslizava-se para beijá-la.
Assim, entre os dois,
a queda da música.

II.
Con nada más que con nuestros ojos
rasgamos el velo de agua
que se extendía sobre la tierra
y oscuro
desde los templos
se deslizaba a besarla.
Así, entre los dos,
el caer de la música.

III.

O rio vinha cantando

trazia a primavera em suas águas
repartia-a sobre a riba
levantava-a.

Era a música que corria
atrás de um corpo desfigurado.

Pontes e ribas estremeceram.
Nuvens choraram.

O cavalo nasceu.

III.

Venía cantando el río

traía la primavera en sus aguas
la repartía sobre la orilla
la levantaba.

Era la música que corría
detrás de un cuerpo desdibujado.

Puentes y orillas se estremecieron.
Lloraron nubes.

Nació el caballo.

O oriente se esconde nos meus olhos-
levando consigo o sol que em breve esta-
rá do outro lado.

É o dia que me falta
suas horas perdidas no caminho que me
trouxe até aqui
estrelas abandonadas sobre a névoa da
charneca
enquanto cruzava o planeta e via nascer
no final da vereda
este sol que hoje se vai.

Por trás da cortina
escondida na casa de infância
minha sombra ainda estará esperando
aquela que não me conhece mais
aquela que assombrava o paraíso de ou-
tras sombras
aquela que se movia entre as árvores e
pensava que era, ela também,
árvore.

Agora o oriente se esconde nos meus olhos
e cobre as últimas pegadas do mundo.
Minha sombra na sua tarde não existe
senão entre os dias que cruzam a água e
arrastam meu corpo
atrás da luz.

El oriente se esconde en mis ojos

llevándose el sol que pronto estará al
otro lado.

Es el día que me falta
sus horas perdidas en el camino que me
condujo hasta aquí
estrellas abandonadas sobre la niebla del
páramo
mientras cruzaba el planeta y veía nacer
al final del sendero
este sol que hoy se va.

Tras la cortina
escondida en la casa de infancia
estará todavía esperando mi sombra
la que ya no me conoce
la que rondaba el paraíso de otras som-
bras
la que se mecía entre los árboles y creía
ser, ella también,
árbol.

Ahora el oriente se esconde en mis ojos
y cubre las últimas huellas del mundo.
Mi sombra en su tarde no existe
sino entre los días que cruzan el agua y
arrastran mi cuerpo
detrás de la luz.

Recebo a chegada da noite

golpeio o teclado
esse breve piano de vogais e consoantes
que lançam

[sua música inaudível
deixando a cidade escapar pelo meu ouvido esquerdo
enquanto pelo direito me invade a terra
crua que está

[do outro lado
as trilhas atrás da minha casa...
se as seguisse, levavam à rodovia
que sem saber corta os montes
separa o campo

e minha mãe
no seu pequeno fusca pela estrada de paralelepípedos
enquanto eu, na Grande Muralha,
sob a lua cheia
me deito.

Recibo la llegada de la noche

golpeo el teclado
este breve piano de vocales y consonantes
que lanzan

su música inaudible
dejando que la ciudad se me escape por
el oído izquierdo
mientras por el derecho me invade la tierra
cruda que está

[del otro lado
los chaquiñanes detrás de mi casa...
si los seguía llegaban a la autopista
que sin saberlo rompe los montes
separa el campo

y mi madre
en su pequeño escarabajo por el camino
empedrado
mientras yo, en la Gran Muralla,
bajo la luna llena
me recuesto.

Anoitece e me entrego

queria apanhar com minhas mãos a China do Norte
seus restos fragmentados pela memória
que não sabe retornar para o portal onde
uma jovem asiática vendia bebidas
diante dos bueiros da cidade.

A cidade que capturei em fotografias
sem a loucura da sua realidade descomunal
sem o odor das suas esquinas inundadas
de lixo
sem o concerto de suas praças e calçadas.

Lanço-me em busca de indícios
e uma tempestade de flocos brancos se
solta dos galhos
como neve impossível nos meus olhos.
Uso uma aliança na mão esquerda
mas me sinto mais sozinha do que nunca.
Pedalo entre os ônibus e vejo minha
sombra refletida no asfalto.
Vejo-a se fragmentar sobre as bordas dos
bueiros
e me pergunto quem a está engolindo.

Nunca poderei ser como era antes
não escreverei mais as mesmas palavras
não lerei os mesmos poemas em um livro.
Outros ocuparão seu lugar
assim como há outra que ocupa meu corpo.

Debaixo da terra descansa a intensidade
que um dia transbordou de mim
procuro-a nos transeuntes da distante Ásia
continuo procurando
no fim da noite

mas o dia volta e não há rastro de mim.

Anochece y me entrego

quisiera atrapar con mis manos la China del Norte
sus restos fragmentados por la memoria
que no sabe volver al portal donde una
joven asiática vendía bebidas
frente a los sumideros de la ciudad.

La ciudad que detuve en fotografías
sin la locura de su realidad descomunal
sin el olor de sus esquinas inundadas de
basura
sin el concierto de sus plazas y veredas.

Me lanzo a buscar indicios
y una tormenta de copos blancos se suelta desde las ramas
como nieve imposible en mis ojos.
Llevo un anillo de bodas en la mano izquierda
pero me siento más sola que nunca.
Pedaleo entre los autobuses y miro mi
sombra reflejada en el asfalto.
La veo fragmentarse sobre los bordes de
las alcantarillas
y me pregunto quién se la traga.

Jamás podré ser como antes
no escribiré ya las mismas palabras
no leeré los mismos poemas en un libro.
Otros ocuparán su lugar
como hay otra que ocupa mi cuerpo.

Debajo de la tierra descansa la intensidad
que un día se me desbordó
la busco en los transeúntes del Asia lejana
la sigo buscando
al final de la noche

pero el día vuelve y no hay rastro de mí.

O frio arranha meus ossos

pai, você me desterrou.
Vou em busca de um lugar para ficar
e só me deparo com as colinas
de onde se eleva a sua casa no horizonte.

Você não sabe que já não sou eu
que há muito tempo me deixei esperando
por um trem que nunca chegaria
que certa tarde me abandonei em um
mercado lotado
enquanto minha boca se perdia nas delícias
da fruta.

Agora você me expulsa
mas não sabe que já não sou eu
que há muito tempo me joguei sob as
rodas de um carro
que certa manhã acordei em outra terra
e meu vazio voltou.

Às vezes, me assusta a noção do meu corpo
chamando-me daquele lugar ao qual não
tenho acesso.
No entanto, podem ser belos o desterro
e o abandono
assim como são as gotas de sangue no
vidro destrozado

[por um punho

assim como é a minha dor no escuro.
Ele será a terra que me sustenta
quando tudo mais começar a ruir.

Você me desterrou, pai.
Talvez seja justo.
Mas há muito tempo já não me importa
saber.

El frío me araña los huesos

padre, me has desterrado.
Voy en busca de un lugar para quedarme
y solo me encuentro con las colinas
donde se eleva tu casa en el horizonte.

No sabes que ya no soy yo
que hace tiempo me dejé esperando un
tren que jamás llegaría
que una tarde me abandoné en un merca-
do repleto de gente
mientras mi boca se perdía en las delicias
de la fruta.

Ahora tú me echas
pero no sabes que ya no soy yo
que hace tiempo me abalancé bajo las
ruedas de un coche
que una mañana desperté en otra tierra
y volvió mi vacío.

A veces me espanta la noción de mi cuerpo
llamándome desde ese lugar al que no
tengo acceso.
Sin embargo, pueden ser bellos el destier-
ro y el abandono
como lo son las gotas de sangre en el cris-
tal destrozado

[por un puño

como lo es mi dolor en la oscuridad.
Él será la tierra que me sostenga
cuando todo lo demás comience a hundirse.

Me has desterrado, padre.
Tal vez sea justo.
Pero hace tiempo que ya no me importa
saberlo.

Não me leve para longe

aqui eu posso acreditar que sou feliz

No me lleves lejos

aquí puedo creer que soy feliz.

Todos esses poemas de Marialuz Albuja fazem parte do seu livro «*La pendiente imposible*», que recebeu o *Premio Proyectos Literarios*, do Ministério de Cultura do Equador (2008).

2. Lugares Partidos

Janeth Toledo

Nacida en Cuenca, 1964. Realizó estudios literarios en la Universidad de Cuenca. Desde joven le ha gustado la lectura. Integró los talleres de poesía en la Escuela de Escritores de Madrid, 2014. Se dedica a escribir poesía en su adultez. En 2017, publicó *Sílabas sin ruido*, libro que obtuvo la Primera Mención en el Premio Nacional de Poesía Jorge Carrera Andrade de Quito en el mismo año. En 2023, se publica su nuevo libro *Lugares rotos*. Algunos de sus poemas se han publicado en varias revistas digitales dentro y fuera del país. Actualmente, su siguiente libro, en homenaje a algunas mujeres, permanece inédito.

I.

das dobras que disfarçam
a cavidade
rachadura de pétalas
em aparente aridez
pedaços que quebram
o intenso
o que é dado à dor
se oculta na ferida
de um nervo
recolho com devoção a flor ferida
farrapos de pele curtida
hematoma
restos cravados na secura

meu corpo
todo um tecido de fibras que se desfazem
manchas de estranhas feridas
de líquenes avermelhados
que se expandem como um presságio
como um fio de seda
me apanham
se encolhem sobre mim
na sua tentativa de se enrolar

I.

de los pliegues que desdibujan
la cavidad
trizadura de pétalos
en aparente aridez
pedazos que quiebran
lo intenso
lo que es dado al dolor
se oculta en la herida
de un nervio
recojo con devoción la flor lastimada
jirones de piel curtida
magulladura
restos clavados en la sequedad

mi cuerpo
todo un tejido de fibras que desgarran
retazos de extrañas pústulas
de líquenes enrojecidos
que se expanden como un presagio
como un hilo de seda
me atrapan
se encogen sobre mí
en su intento de ovillarse

reúno ervas amargas
como quem prepara uma poção
um amuleto
um ritual para reverter esta escuridão
hora em que os bálsamos limpam
emaranhados de cristais cortantes
se impregna um aroma
de pêssego e rosas
as mãos atrás do fruto
que minhas irmãs colhem para mim
para este tempo de reunir

a vida é um salmo urgente

junto hierbas amargas
como quien prepara una pócima
un amuleto
un rito que revierta esta oscuridad
hora donde los bálsamos limpian
marañas de filosos cristales
se impregna un olor
a durazno y rosas
las manos detrás del fruto
que mis hermanas recogen para mí
para este tiempo de aunar

la vida es un salmo urgente

fecho as pálpebras de repente
buscando a fé
aquela que me interpela e me convida a
acreditar
na concha inversa das mãos
no fulgor do seu mundo
no sopro dos seus mantras

em cada flor caída
a vida se recupera
e crepita como um prodígio
que estremece o ventre
território de esconderijos
de horas violentas e arranhões
lugar de orfandades

cierro de golpe los párpados
buscando la fe
esa que me interpela y me invita a
creer
en el cuenco inverso de las manos
lo luminoso de su mundo
el aliento de sus mantras

en cada flor colapsada
se repone la vida
y cruje como un prodigio
que estremece el vientre
territorio de escondrijos
de horas violentas y arañazos
sitio de orfandades

essa tépida poça
de profundos reflexos
véu de aflições rompido
onde se está sozinha
de onde brota a poesia

afundada na minha dor
sou um eu aprisionado

qualquer toque desloca as minhas entranhas
fragmenta as cicatrizes

esa tibia poza
de profundos reflejos
agrietado velo de dolencias
donde se está sola
donde descende la poesía

hundida en mi dolor
soy un yo atrapado

cualquier roce desencaja mis entrañas
fragmenta las cicatrices

a carne
declive de robustos rios
derramados em mim
não entende o indistinto
o que pulsa do corpo em seu curso

o que fazer com o obstinado
com este turbulento leito
que transborda sofrimentos

la carne
pendiente de recios ríos
vertidos dentro de mí
no entiende lo indistinto
lo que bulle del cuerpo en su discurrir

qué hacer con lo obstinado
con este fragoso cauce
que abunda en padecimientos

sou este reino de luas
de gozo e hecatombe
me enredo em furtivos amores
atados ao vestígio
das noites que se abandonam
o oco
onde as crianças se abrigam
onde cresce a ternura
que envolve a vida
mas essa vida é também ruptura
a carne
que é crosta e espasmo
desprende os filhos não nascidos
e implacável me rasga
no meu mais íntimo tremor

soy este reino de lunas
de gozo y hecatombe
me enredo en furtivos amores
atados al vestigio
de las noches que se abandonan
la oquedad
donde se albergan los hijos
donde crece la ternura
que envuelve a la vida
pero también esa vida es desgarro
la carne
que es costra y espasmo
desprende a los hijos no nacidos
e implacable me rompe
en mí más íntimo temblor

por isso nomeio
as fissuras do triângulo inferior
uma linha percorre
as brechas e os males
ogiva rasgada da roseira
fonte de incômodos agudos
nomeio os sulcos
que ocorrem no plexo
tudo é uma fenda que se alarga
o que parece unido é ruptura
carcome
no fundo do buraco

por eso nombro
las fisuras del triángulo inferior
una línea recorre
los resquicios y los males
ojiva rasgada del rosal
fuente de escozores agudos
nombro los surcos
que tienen lugar en el plexo
todo es una hendidura que se agranda
lo que parece unido es ruptura
carcome
en el fondo del agujero

II.

fora
as águas margeiam o bulbo
carnudo e macio do atoleiro
a tília
a verbena
os salgueiros
e suas finíssimas folhas decíduas que se
despontam
pelos carvalhos
ou o ritmo das nuvens ansiosas e cinzentas
dissolvidas sobre os telhados
terra molhada
*-sentíamos o cheiro da terra depois da chuva
nas ruas da infância-*

dentro dos meus olhos os trevos
o campo recém-chovido

II.

afuera
las aguas bordean el bulbo
carnoso y blando del atascadero
el tilo
la verbena
los sauces
y sus finísimas hojas caducas que se
desbordan
por las encinas
o el ritmo de las nubes ansiosas y grises
disueltas sobre los tejados
tierra mojada
*-olíamos la tierra después de la lluvia
en las calles de la infancia-*

dentro de mis ojos los tréboles
el campo recién llovido

chove sobre este vale
sobre o maciço de flores azuladas
caem as corolas sussurrantes e úmidas
a cerejeira-negra é um jarro de nostalgia
brotam as as trepadeiras
os gerânios pardos
tudo o que preenche este jardim

amar este corpo descontínuo e ruído
mergulhar em sua flor

llueve sobre este valle
sobre el macizo de flores azuladas
caen las corolas susurrantes y húmedas
el capulí es un cántaro de nostalgia
brotan las enredaderas
los geranios pardos
todo lo que colma este jardín

amar este cuerpo discontinuo y roto
sumergirse en su flor

imersos no musgo de nossa avidez
na ansiedade de querer tudo
aprendemos sobre o amor
sobre o delírio e o desejo
entregues à cumplicidade do corpo
que nada mais é que um corpo
e nos devasta
ligados às nossas bocas
aos beijos que desejamos dar

inmersos en el musgo de nuestra avidez
en la ansiedad de quererlo todo
aprendemos del amor
del delirio y las ganas
volcados a la complicidad del cuerpo
que no es más que un cuerpo
y nos devasta
ligados a nuestras bocas
a los besos que nos quisimos dar

boca amada
impaciente
sua língua presa
na forma do beijo
mordisca os lábios
ou o filamento das mandíbulas
maliciosa, minha boca intui
o escarlate que floresce

boca amada
impaciente
prendida tu lengua
en la forma del beso
remuerde los labios
o el filamento de las fauces
insidiosa mi boca intuye
la grana que florece

o que lateja de desejo
cada coisa ardente
aquilo que chega sem pedir
porque contigo é simples estar
na apetência dos dias
deitados na rede
por exemplo
roçando os joelhos um no outro
para que o belo não acabe

reconheço a paisagem que vive em você
os horizontes de *La Loire* esculpidos
na continuidade do seu corpo
seu peso e seus relevos
entre nossas mãos

essa febre de pardais são seus olhos
o azul desenhado em sua íris
com o qual você só sabe me olhar
esse que apaixonado descobre
em mim a fogueira

lo que late de deseo
cada cosa enardecida
aquello que sin pedirlo llega
porque contigo es simple estar
en la apetencia de los días
recostados en la hamaca
por ejemplo
rozándonos las rodillas
para que lo hermoso no acabe

reconozco el paisaje que vive en ti
los horizontes de *La Loire* horadados
en la continuidad de tu cuerpo
su peso y sus alivios
entre nuestras manos

esa fiebre de gorriones son tus ojos
el azul dibujado en tu iris
con el que solo sabes mirarme
ese que apasionado descubre
en mí la hoguera

não apenas somos a urdidura
de reiterados dias
uma miríade de fios no presente
somos também a intriga de um passado
se desfazendo
corda que nos reconstrói
sobre a trama insistente do desejo
observamos os fios da noite
enquanto o amor é um sonho
um sonho mal vivido
que escapa se não o habitamos
ou envelhece entre os dedos
tudo o que pôde nos fazer felizes
aquilo que amamos um dia
*-lembra-se de como fugimos pela trilha da
charneca*
num março agitado em nosso peito?-
o fervor dessas coisas
existe como o pão no forno
ou as compras do mercado
o próximo ao real repousa
ao lado do outro
e nesse lado estaremos
quando a memória desmembre
o que somos

no solo somos la urdimbre
de reiterados días
un sinfín de hilazas en el presente
somos también la intriga de un pasado
deshaciéndose
maroma que nos reconstruye
sobre la trama insistente del deseo
miramos los hilos de la noche
mientras el amor es un sueño
un mal habido sueño
que escapa si no lo habitamos
o envejece entre los dedos
todo lo que pudo hacernos felices
aquello que amamos un día
*- ¿recuerdas que nos fugamos por la vía junto
al páramo*
un marzo agitado en nuestro pecho? -
el furor de esas cosas
existe como el pan en el horno
o las compras del mercado
lo próximo a lo real descansa
a un costado del otro
y en ese lado estaremos
cuando la memoria desgaje
lo que somos

III.

as datas acumulam
anuários inexoráveis nas esquinas
às vezes
o tempo é uma medida
que os dias se encarregam de preencher

tudo se desgasta
esquece-se o que uma vez se teve
o outono e suas folhas caídas
o mofo nas taipas
repousa no restolho ceifado das palavras
no curso lento dos verbos
olho através da ramagem

me encontro

III.

las fechas acumulan
anuarios inexorables en las esquinas
a veces
el tiempo es una medida
que los días se encargan de llenar

todo se desgasta
se olvida lo que una vez se tuvo
el otoño y sus hojas caídas
el moho en los tapias
reposa en el rastrojo segado de las palabras
en el curso lento de los verbos
miro a través del ramaje

me encuentro

o tempo
vive-se impreciso
quando habita o dano
e é esse tempo que permanece
enquanto os corpos
curam

a teimosia do organismo
agride os ramos saudáveis
é fraqueza cravada nas articulações
o nocivo
confunde-se
nesta rede de tecidos

não é nada esta pele
senão um desbotado manto
que me cobre

el tiempo
se vive impreciso
cuando habita el daño
y es ese tiempo el que permanece
mientras los cuerpos
sanan

la terquedad del organismo
agrede los racimos sanos
es debilidad clavada en las juntas
lo nocivo
se confunde
en esta red de tejidos

no es nada esta piel
sino un deslucido manto
cubriéndome

talvez as despedidas
a raiva acumulada
ou as antigas culpas
apenas sejam uma tempestade retida

quicá a fatalidade
de ambicionar corpos
que irrompem
nas profundezas da memória
corra
por lugares partidos

porventura essa imagem
que acolhe a sombra de velhos troncos
de vinhas vencidas e selvas
ponha fim de uma vez à espessura

<?> tal vez los adioses
la rabia acumulada
o las antiguas culpas
solo son borrasca retenida

quizá la fatalidad
de ambicionar los cuerpos
que irrumpen
en lo profundo de la memoria
discurra
por lugares rotos

acaso esa imagen
que acoge la sombra de viejos leños
de lianas vencidas y selvas
acabe de una vez la espesura

nada parece se agitar
exceto este resplendor
este ínfimo refúgio de copas
formando o bosque
o sagrado que perdura
a quietude das clareiras

não as folhas e ramos pousados no solo
nenhum silêncio

não há rastro de pardais

nada termina por agitarse
salvo este resplendor
este nimio refugio de doseles
formando el bosque
lo sagrado que perdura
la quietud de los claros

no las hojas y ramas posadas en el suelo
ningún silencio

no hay rastro de pardales

3. Casa de Borboletas Negras **Rocío Soria**

Nacida en Quito, 1977. Es Comunicadora Social, con estudios de postgrado en Edición de Medios Impresos e Historia del Arte Ecuatoriano, además es Magíster en Literatura Infantil y Juvenil. Ha publicado *Huella Conceptual* (2003), *El cuerpo del hijo* (2008), *Isadora* (2010), *Ictus* (2013) y *Deterioro* (2018). Con *Isadora* obtuvo el Premio Nacional Ileana Espinel Cedeño, CCE Núcleo de Guayas en 2008 y con *Deterioro* obtuvo una mención en el premio Jorge Carrera Andrade del Municipio de Quito. En 2022, publicó *Pelotón de Fusilamiento*. Parte de su poesía ha sido recogida en antologías nacionales e internacionales y ha sido parcialmente traducida al inglés y al francés e invitada a encuentros dentro y fuera del país. Actualmente, se desempeña como docente en la Facultad de Comunicación Social de la Universidad Central del Ecuador.

um

de repente, a história se estilçou
foi em questão de segundos
não previmos isso
tivemos que decidir na hora
pedir a ajuda de desconhecidos
confiar nossos medos
confinar-nos a um único quarto
acondicionar os espaços
buscar ajudas técnicas
improvisar
aprender com espanto e tristeza a usar o
lençol de manuseio
lutar contra a rigidez articular de suas
extremidades

e depois de tanto beber o medo
agora este espaço está sem você
esta cadeira sem você
as rodas desta cadeira sem você
os apoios de pés reclináveis e desmontáveis
sem você
este lençol de manuseio sem você
esta roupa de cama sem você
esta pilha de roupas folgadas
passadas
arrumadas
classificadas
prontas
mas sem você
este remédio
estes panos
este bidê
estas almofadas
sem você

esta filha sem você
esta afonia súbita
esta perda vocal
esta mulher sem voz.

uno

menos pensado se trizó la historia
fue en cuestión de segundos
no lo vimos venir
tuvimos que decidir sobre la marcha
buscar ayuda de desconocidos
confiar nuestros miedos
confinarnos a una sola habitación
acondicionar los espacios
buscar ayudas técnicas
improvisar
aprender con asombro y tristeza a usar la
sábana de manejo
luchar con la rigidez articular de sus ex-
tremidades

y luego de tanto beber el miedo
ahora está este espacio sin vos
esta silla sin vos
las ruedas de esta silla sin vos
los apoya pies abatibles y desmontables
de la silla sin vos
esta sábana de manejo sin vos
esta ropa de cama sin vos
esta pila de ropas holgadas
planchadas
ordenadas
clasificadas
listas
pero sin vos
esta medicina
estos paños
este bidet
estas almohadas
sin vos

esta hija sin vos
esta afonía súbita
este trac vocal
esta mujer sin voz

dois

o poema me urge durante a noite
não quero anotá-lo para não me render
ronda pelos telhados da casa ao lado
desliza pelas telhas
aciona os sensores de luz
salta em direção ao alpendre
se segura como pode no parapeito
se espreme entre o vidro e a persiana
sobe em estado de inquietação por um
minúsculo espaço
onde só cabem seus pés

cedo ao seu alvoroço finalmente
mais por curiosidade e um pouco por pena
deveria deixá-lo lá fora e que ele sobrevi-
va como puder
quero dizer-lhe que não quero anotá-lo
para não me render
mas cedo e o convido a entrar
mas com ele entra também a chuva e a
maldição de dezembro
que afligiu a minha mãe

ele se aproxima e me fareja
me diz que não é coincidência
me apresenta cenários repulsivos
afirma que é uma inteligência artificial
que talvez hoje tenha apenas informação
mas amanhã terá sentimentos
autoconhecimento e coragem
me atordoia saber que também conheci

corpos humanos por dentro
sem rastros do amor
sem dispositivos para acionar a alma

me deixa acariciar-lhe o dorso este poema
às vezes, coincidimos nos nossos sonhos
mas também nas vigílias
às vezes, só quero me livrar dele
devolvê-lo ao seu habitat
mas lembro que é dezembro e que lá
fora chove
e que estamos em Quito
e que este mês a minha mãe se afligiu
e que eu também tenho passado frio
desde então
e deixo-o ficar
e tapo a janela o melhor que posso para
não entre nem a brisa mais leve
e suporto-o como a uma presença não
invocada
se revolve
se contorce
falar por falar
instala-se na beira da cama
e continuo sem anotá-lo
mas acabo cedendo e apertando-o
impunemente
e bebendo seu extrato
e tornando-o meu
e parindo o poema.

dos

el poema me urge en la noche
no lo quiero anotar para no rendirme
ronda por los tejados de la casa contigua
resbala las tejas
acciona los sensores de luz
salta hacia el cobertizo
se sostiene como puede de la cornisa
se apretuja entre el vidrio y el cubreventanas
trepa en estado de zozobra por un mi-
núsculo espacio
en el que solo caben sus pies

cedo a su estrépito finalmente
más por curiosidad y un poco por lástima
debería dejarlo por fuera y que sobreviva
como pueda
quiero decirle que no quiero anotarlo
para no rendirme
pero cedo y lo invito a pasar
pero con él pasa también la lluvia y la
maldición de diciembre
que trastocó a mi madre

se acerca y me olisquea
me dice que no es casualidad
me plantea escenarios repulsivos
afirma que es una inteligencia artificial
que posiblemente hoy solo tenga información
pero mañana tendrá sentimientos
conocimientos de sí mismo y coraje
me aturde saber que también conocí

cuerpos humanos por dentro
sin rastros del amor
sin dispositivos para accionar el alma

me deja acariciar su lomo este poema
a veces coincidimos en nuestros sueños
pero también en los desvelos
a veces solo quiero sacármelo de encima
devolverlo a su hábitat
pero recuerdo que es diciembre y que
afuera llueve

y que estamos en Quito
y que este mes se trastocó mi madre
y que yo también he pasado frío desde
entonces
y le dejo quedarse
y parcho la ventana como puedo para
que no entre ni la menor brisa
y cargo con él como con una presencia
no invocada
se revuelca
se retuerce
hablar por hablar
se acomoda en el borde de la cama
yo sigo sin anotarlo
pero termino cediendo y apretándole
impune
y bebiendo su extracto
y volviéndolo mío
y pariendo el poema.

três

às vezes, nem mesmo o poema alenta
às vezes, nem mesmo o poema alimenta
eu brinco com as minhas mãos
faço-as em pedaços
brinco com as suas partes
com os cotos assim erguidos
monumentos da minha ansiedade

fujo de toda companhia
que importa, sou uma fugitiva
ninguém entenderia
faço o teatro de ficar
mas sempre estou recolhida em algum
sótão que antecipadamente
criei para o efeito

invento personagens
não para incluí-los nas minhas histórias
mas para os abandonar no mundo
meio apagados
eu mesma sou um desses personagens

invento solidões
rengo o poema, o que é como renegar a

própria vida
imponho a voz
houve um ponto de ruptura na história

estou à beira do osso
e toda a água contida em minha cabeça
cai sobre a tampa de madeira
estou à beira da encosta para a qual me
precipitei
de todas as maneiras
possíveis
com toda tática e todo truque
mas nunca cheguei ao fundo

estou à beira do fosso
tanto que posso cavar na sua boca e o
fosso também me adivinha
fareja o meu medo
sabe que já fui saqueada do osso à raiz
como se escondesse um tesouro
e não sabe que só mantive o nada entre
as minhas mãos.

tres

a veces ni el poema alienta
a veces ni el poema alimenta
juego con mis manos
las vuelvo añicos
juego con sus partes
con los muñones así erigidos
monumentos de mi ansiedad

huyo de toda compañía
qué más da soy una fugitiva
nadie lo comprendería
hago el teatro de quedarme
pero siempre estoy retraída en algún des-
ván que con antelación
he creado para el efecto

invento personajes
no para incluirlos en mis historias
sino para abandonarlos en el mundo
medio borroneados
yo misma soy uno de esos personajes

invento soledades
reniego del poema que es como hacerlo

de la vida misma
imposto la voz
hubo un punto de quiebre en la historia

estoy al borde del hueso
y toda el agua contenida en mi cabeza
cae sobre la tapa de madera
estoy al borde de la pendiente a la que
me he precipitado
de todas las maneras
posibles
con toda táctica y todo truco
pero jamás di con el fondo

estoy al borde del hueco
tanto que puedo escarbar en su boca y el
hueco también me adivina
me huele el miedo
sabe que ya fui saqueada de hueso a raíz
cual si escondiese un tesoro
y no sabe que solo he sostenido a la nada
entre mis manos

quatro

nessa fotografia, você olha para a paisagem
ou é a paisagem
naqueles dias, você já estava marcada
pela perda
corroída pela doença e mesmo que eu
tivesse me colocado nos seus olhos
ou na sua cabeça
não conseguiria divisar o tamanho do
seu mal

hoje penso em você enquanto rego as
plantas
e a erva cresce convertendo todo espaço
verde em labirinto
ontem transplantei algumas árvores que
eram filhas de outras árvores
que você plantou
trouxe um pouco do húmus caseiro que
você fazia alimentando
as minhocas com restos de verduras e frutas
cascas de ovo e borra de café

trouxe também aquele gerânio vermelho
imenso que você tanto cuidava
plantei-o no jardim dos fundos ao lado
da congona e sob a figueira

nessa fotografia, você olha para a paisagem
ou é a paisagem

você rega as plantas ou é a planta que eu rego
naqueles dias juntas, eu te examinava
atentamente

para ver como você ria sem reservas e
como um piano vibrava na sua garganta
te inquiria de gesto em gesto
te desenhava com meu dedo indicador
te narrava atentamente
te observava

me sentava e te contava sobre o meu dia
enquanto tomávamos um café velho
na mesa da cozinha.

cuatro

en esa fotografía tú miras el paisaje o eres
el paisaje
en aquellos días vos ya estabas marcada
por la pérdida
roída por la enfermedad y aunque me
hubiese puesto en tus ojos
o en tu cabeza
no alcanzaría a divisar el tamaño de
tu mal

hoy pienso en vos mientras riego las
plantas
y crece la hierba convirtiendo todo espacio
verde en laberinto
ayer trasplanté unos árboles que son hi-
jos de otros árboles
que plantaste
traje un poco del humus casero que
hacías alimentando
a las lombrices con restos de verduras y frutas
cáscaras de huevo y borra de café

traje también aquel geranio rojo inmenso
que tanto cuidabas
lo sembré en el jardín posterior junto a
la congona y bajo el higo

en esa fotografía tú miras el paisaje o eres
el paisaje
riegas las plantas o eres la planta que riego
en aquellos días juntas yo te escrutaba de
hito en hito

para ver como reías sin reservas y como
vibraba un piano en tu garganta
te inquiría de gesto en gesto
te dibujaba con el índice
te narraba de hito en hito
te miraba
me sentaba a contarte mi día mientras
bebíamos café pasado
en la mesa de la cocina.

cinco

às vezes, amanhecemos com os braços
tão cheios de nada
tão forjadas em pedra e ossos sobre um
leito terminal
sumidas em uma quietude estranha e
aterradora
incapazes de nada
impossibilitadas de nós mesmas

às vezes, amanhecemos com os olhos tão
cheios de nada
tão forjadas em pedras e ossos
sem que nenhum vulto venha nos favorecer
sem que nenhum espírito possa ser
convocado
tão secas
tão destruídas
sem pai nem mãe

às vezes, amanhecemos com as pernas
tão cheias de nada
tão forjadas em pedra e ossos

feridas e de cara para a parede
de apenas um lado do colchão
nos odiamos cara a cara com a ausência
com a nudez dos nossos ossos
e nem o lamento nem o poema nos assistem

às vezes, amanhecemos em franca retirada
tão forjadas em pedra e ossos
doentes ao ver como o dia zomba de nós
tão azul lá fora e tão diáfano e nós tão
ferozes e furiosas
sem vontade de nos levantarmos

às vezes, amanhecemos tão miseráveis
tão forjadas em pedra e ossos
tão cheias de veneno
mas mesmo assim recolhemos ossos e
nos recompomos
nos olhamos no espelho, damos um so-
riso para disfarçar
e um olhar azul para atizar o dia.

cinco

a veces amanecemos con los brazos tan
llenos de nada
tan fraguadas de piedra y huesos sobre
una cama terminal
sumidas en una quietud extraña y
aterradora
incapaces de nada
imposibles de nosotras mismas

a veces amanecemos con los ojos tan lle-
nos de nada
tan fraguadas de piedras y huesos
sin que ninguna figura venga a favorecernos
sin que ningún espíritu pueda ser
convocado
tan secas
tan derruidas
sin padre ni madre

a veces amanecemos con las piernas tan
llenas de nada
tan fraguadas de piedra y huesos

llagadas y de cara a la pared
de un solo lado del colchón
nos odiamos cara a cara con la ausencia
con la desnudez de nuestros huesos
y ni el lloriqueo ni el poema nos asiste

a veces amanecemos en franca retirada
tan fraguadas de piedra y huesos
enfermas viendo cómo se nos burla el día
tan azul afuera y tan diáfano y nosotras
tan fieras y rabiosas
sin acción de levantarnos

a veces amanecemos tan miserables
tan fraguadas de piedra y huesos
tan veneno
pero así y todo recogemos huesos y nos
recomponemos
nos miramos al espejo nos ponemos una
sonrisa para impostar
y una mirada azul para atizar el día.

4. Goteja

María de los Ángeles Martínez

Nacida en 1980, en Cuenca. Licenciada en Historia y Geografía. Máster en Antropología de lo Contemporáneo y en Edición. Editora de UCuenca Press. Ha participado con su poesía en eventos nacionales e internacionales como «Poetas a través de las Américas», Trinity University-San Antonio, Texas; la Feria del Libro de Santiago de Chile y la de la Habana, Cuba, entre otros. Sus textos aparecen en importantes antologías en Ecuador, Colombia, Chile, México, España, Francia. Ha publicado 11 libros de poesía: *Goteja*; *Error de raccord*; *Entrecortada*; *Trasnoche*; *Cuatro Cuartos* (junto al poeta mexicano Victor Cabrera); *Trozos de Vidrio*; *Subcielo*; *Neos* (plaquette); *Un lapso de Impiedad*. En colectivo: *Aunque Bailemos con la Más Fea*, *Nadie nos Quita lo Bailado*.

Memento mori

é melhor não
desenterrar a promessa não cumprida
que culpa tínhamos em pensar
então

Memento mori

mejor no
desenterrar la promesa incumplida
que culpa teníamos de pensar
entonces

não sei se você se lembra
mas naquela foto
eu sorria
como nunca mais voltei a sorrir

onde está essa foto
a parede suja
uma garrafa de plástico na mão
um casaco
brilhante demais para o dia
muito escuro para o dia
glamoroso...
uma mecha azul no cabelo

fazia frio
as suas mãos que não se atreviam
atreveram-se à sua forma
click

no sé si te acuerdas
pero en esa foto
sonreía
como nunca más he vuelto a sonreír

dónde está esa foto
la pared sucia
una botella de plástico en la mano
una casaca
demasiado brillante para el día
muy negra para el día
glamorosa...
un mechón azul en el cabello

hacía frío
tus manos que no se atrevían
se atrevieron a su forma
click

essa imagem
toda a emoção capturada
algo que apagava o desastre
da minha vida e da sua

esa imagen
toda la emoción capturada
algo que borraba el desastre
de mi vida y de la tuya

se passou mais de uma década
por e-mail
chega um olá seu
e em apenas uma linha
pergunta se estou viva

preocupado com a tragédia
impactado pelas notícias
dos corpos nas casas
e nas ruas
transbordando dos necrotérios
nadando nos rios
e nos mares
nos telhados
nos espaços patrimoniais
...tão pitorescos
republicanos
coloniais
pré-hispânicos...
esses que eu gostaria de te descrever
a cada vez
caso te empurrassem para cá

já não importam

ha pasado más de una década
por correo electrónico
llega un hola tuyo
y en una sola línea
pregunta si vivo

preocupado por la tragedia
impactado por las noticias
de los cuerpos en las casas
y las calles
reventando las morgues
nadando en los ríos
y en los mares
en los techos
en los espacios patrimoniales
...tan de postal
republicanos
coloniales
prehispánicos...
esos que quise describirte
cada vez
por si te empujaban hacia acá

ya no importan

o país que você deixou não existe
mas eu continuo sendo a garotinha
que te via com esses olhos de lanterna
que *offside* tão besta (desculpa)

no hay el país que dejaste
pero sigo siendo la muchachita
que te veía con esos ojos de linterna
qué *offside* tan cursi (perdona)

que culpa temos
de não cumprir a promessa de nos
reencontrarmos
não sei se você se lembra
(talvez a culpa seja toda sua)
não sei se você se lembra
de quem nós fomos

qué culpa tenemos
de incumplir la promesa de reencontrarnos
no sé si te acuerdas
(tal vez la culpa sea toda tuya)
no sé si te acuerdas
de los que fuimos

se você guarda algum afeto
dessa correspondência inconstante
cada vez mais espaçada

eu guardei a faca de carne
serviço de quarto
convencida que esse pequeno óxido
tem um pouco do seu sangue...

guardarás algún afecto
de esa correspondencia inconstante
cada vez más espaciada

yo guardé el cuchillo de la carne
servicio a la habitación
convencida que ese pequeño óxido
tiene un poco de tu sangre...

pus a faca em teu pescoço
apenas uma vez
a única que nos vimos

pedi educadamente
«não vá embora»
e você partiu

agora que você me escreve
te olho
cheiro
abraço
e choro
choro muito

sim
é estranho abraçar uma faca
enquanto se responde uma mensagem

te puse el cuchillo en el cuello
solo una vez
la única que nos vimos

te pedí educadamente
«no te vayas»
y te fuiste

ahora que tú me escribes
lo miro
huelo
abrazo
y lloro
lloro mucho

sí
es extraño abrazar un cuchillo
mientras se responde un mensaje

sempre mais linhas do que você merece
mas eu nunca pude te dar menos
zero em estratégia
zero zero zero
menos um

siempre más líneas de las que mereces
pero nunca pude darte menos
cero en estrategia
cero cero cero
menos uno

assim foi
você partiu
e eu não consegui amarrar meus dedos
te escrevia longas cartas
de tempos antigos

você me escrevia de volta
breve
consciente
às vezes, demorava demais
às vezes, não havia resposta
até depois de vários envios
de fotos de poemas de palavras de
propostas de
brincadeiras...

depois veio todo o teu silêncio
e me forçou ao meu

así fue
te fuiste
y yo no pude amarrar mis dedos
te escribía largas cartas
de tiempos antiguos

me escribías de vuelta
breve
consciente
a veces demorabas demasiado
a veces no había respuesta
hasta después de varios envíos
de fotos de poemas de palabras de
propuestas de
bromas...

luego vino todo tu silencio
y me obligó al mío

por que você escreve para perguntar se
estou viva
para quantas pessoas que você conhece
dedica uma frase
o gesto de enviar um e-mail
de procurar o endereço

de dar um enter

por qué escribes a preguntar si estoy
viva
a cuánta gente que conoces dedicas una
frase
el gesto de enviar un correo
de buscar la dirección

de dar un enter

haverão outras que mereçam
longos parágrafos
cartas e ligações e chamadas de vídeo
curtidas e essas coisas

eu não ocupo espaço

habrá otras que merezcan
largos párrafos
cartas y llamadas y videoconferencias
likes y esas cosas

yo no ocupo lugar

fora
todas as outras sirenes
os necrotérios e os fornos a todo vapor
e chove
não com gotas de água limpa
aqui não há nada limpo

afuera
todas las otras sirenas
las morgues y los hornos a tope
y llueve
no con gotas de agua limpa
aquí no hay nada limpio

a resposta que eu deveria te enviar é esta
mas nunca soube me conter

«estou bem
de saúde, quero dizer
coloquei cal
espero que removam os mortos
e que eles se vão contigo
para sempre»

la respuesta que debía enviarte es esta
pero nunca supe contenerme

«estoy bien
con salud me refiero
he puesto cal
espero que retiren los muertos
y que se vayan contigo
para siempre»

5. Cauda De Réptil

Sandra De la Torre Guarderas

Nacida en Quito, 1971. Poeta, narradora y guionista. Estudió Comunicaciones en University of Northwestern, de St. Paul, Minnesota. Enseñó las asignaturas de Guión y Producción dramática a nivel superior. Ha publicado, entre otras obras: *El hueco en el zapato*, Premio Nacional de Poesía Paralelo Cero (2012); *Niños de agua*, Premio Internacional de Cuento Libresa (2018); *Andinismo en la azotea*, Editorial Buenos Aires Poetry (2019); *Anhelo de ala rojas*, Ediciones El Naranjo (2022), Premio Fundación Cuatrogatos 2024. Ha merecido en tres ocasiones el Premio Darío Guevara Mayorga, del Municipio de Quito, en 2017, 2019 y 2023. Es ganadora del V Certamen Internacional de LIJ FOEM (2021), con su colección de cuentos *Donde las rimasopas rimasopean*. Ganó la convocatoria Pichincha en Libros de 2023, en la categoría Dramaturgia - Guión cinematográfico. Actualmente trabaja en el desarrollo de su largometraje de animación *Tormenta de arroz*, proyecto dos veces premiado en las convocatorias de cine del IFCI (2020 y 2022) y seleccionado en la convocatoria iberoamericana CIMA-IMPULSA (2023).

Em vão me procuro no fundo dos meus olhos

Alguém insinua sua tênue existência
na boca desses poços desencantados
Algum belo monstro se gesta
na putrefação da água

En vano me busco en el fondo de mis ojos

Alguien asoma su tenue existencia
en la boca de esos pozos desangelados
Algún hermoso monstruo se gesta
en la podredumbre del agua

Sou composta de nódulos

no quadrante superior esquerdo?
Sou esses grumos vascularizados
que chamam no ultrassom?
A mulher que me observa por dentro diz
algo
fala o meu idioma embora seus sons se
desaceleram
biópsia não pode ser o meu idioma
não entendo o que é BIRADS
o que é um corredor à direita?
pressiono o botão significa olá?
Faço um agendamento
observo que minha cabeça assente
minha voz responde com o meu número
de identificação
Não entendo a palavra amanhã
peço que a escrevam para mim
o escrito existe mesmo sem a compreensão
Leio e ainda não sei quando é amanhã

Me compongo de nódulos

en el cuadrante superior izquierdo?
¿Soy esos grumos vascularizados
que chillan en la ecografía?
Algo dice la mujer que me observa por
dentro
habla mi idioma aunque sus sonidos se
ralentizan
biopsia no puede ser mi idioma
no registro BIRADS
¿qué es un pasillo a la derecha?
¿presione el botón significa salud?
Tomo una cita
observo que mi cabeza afirma
mi voz responde con mi número de
identificación
No comprendo la palabra mañana
pido que me la escriban
lo escrito existe aun sin la comprensión
Leo y todavía no sé cuándo es mañana

**Imagino serras pinças talhas
desmembramentos**

Imagino – lembro? – talhas
pelo bem do restante da lagartixa
corta-se um pedaço do corpo
que importa se parece andrógina
a consciência
E que serra é essa
se o eu se aloja no resíduo pútrido?
Serei para sempre desmembramento
cauda de réptil desenfreada perdida frouxa
a qual lhe voltará a crescer
não por deus!
uma cabeça

**Imagino sierras pinzas tajaduras
desmembramientos**

Imagino ¿recuerdo? tajaduras
por el bien del resto de la lagartija
cercenarse un trozo de cuerpo
qué más da si luce andrógina
la conciencia
¿Y qué sierras pasa
si el yo se aloja en el desecho pútrido?
Seré para siempre desmembramiento
cola de reptil desafortada perdida laxa
a la que volverá a crecerle
¿no por dios!
una cabeza

Minha gazela caiu

a de chifres de lira
pastava ingênua
com sua gêmea dourada
no leve campo de dois
e um passo mal dado
uma breve viragem
o vento oriental...
Pela escarpa
desenrolo o fio do olhar
até a rocha última
num esforço pastoril
de envolver reanimar erguer
o corpo rígido a mim outra vez
ao campo leve de dois
Me agarro à relva
procuro a gêmea ímpar
chorosa ímpar ato a gêmea
com soberbos nós
de relva
para que não seja ela
eu
gazela caída

Se ha despeñado mi gacela

la de cuernos de lira
pastaba ingenua
con su gemela dorada
en el leve campo de a dos
y un mal paso
un breve giro
el viento solano...
Por la escarpadura
descuelgo el hilo de la mirada
hasta la roca última
en un pastoril intento
de envolver reanimar subir
el cuerpo rígido a mí otra vez
al campo leve de a dos
Me agarro de la hierba
busco a la gemela impar
llorosa impar ato a la gemela
con soberbios nudos
de hierba
para que no sea ella
yo
gacela despeñada

Saio dos devaneios

onde sou um corpo belo
me beijou a lâmina
hoje sou menos

Me salgo de las ensoñaciones

donde soy un cuerpo hermoso
me ha besado la cuchilla
hoy soy menos

Meu corpo espreita
com seu umbigo aberto
que novas torturas promete?

Mi cuerpo acecha
con su ombligo abierto
¿qué nuevas torturas promete?

A falta ocupa um espaço
de carne e sangue
na memória
A falta tem fronteiras
um território
O ausente pode ser habitado

La falta ocupa un espacio
de carne y sangre
en la memoria
La falta tiene fronteras
un territorio
Lo ausente puede habitarse

Cortarei a minha mão esquerda

a flor das minhas pulsões
para que não leiam em suas linhas
o que esses olhos assustados do Rosacruz
avisaram numa tarde de diagnósticos
Cortarei-a caso o destino
se desfaça com o corte
e ninguém possa mais
inscrever nela
a minha orfandade

Me cortaré la mano izquierda

la flor de mis pulsiones
para que no lean en sus líneas
lo que esos espantados ojos del Rosacruz
advirtieron una tarde de diagnósticos
Me la cortaré por si el destino
se deshace con el tajo
y ya nadie nunca pueda
inscribir en ella
mi orfandad

Banhado em formol

desidratado em álcoois
colocado em parafina a sessenta graus
resfriado por uma noite na geladeira
e retalhado em lâminas
cederia o meu corpo ao laboratório
por pelo menos dez anos
para o seu posterior estudo e diagnóstico
caso o que sou
voltasse a infestar

o futuro

Bañado en formol

deshidratado en alcoholes
puesto en parafina a sesenta grados
enfriado una noche en la nevera
y cercenado en laminillas
dejaría mi cuerpo en el laboratorio
al menos diez años
para su posterior estudio y diagnóstico
por si lo que soy
volviera a infestar

el futuro

E como dizer ao amante
que suas mãos percorrerão
um torso
 a ruína de um torso
rachado no auge
 do prazer

Y cómo decirle al amante
que sus manos recorrerán
un torso
 la ruína de un torso
desportillado en la cima
 del deleite

Há algo belo nesta cicatriz
a marca de uma rasgadura
da qual cerraram a boca
e continua a supurar palavras

Hay algo bello en esta cicatriz
la marca de una desgarradura
a la que le han cerrado la boca
y sigue supurando palabras

Amamento com meu seio inexistente

uma menina franzida e enojada
com líquido que flui
desse suave branco pletórico

órgão imaginário

até que uma mão piedosa a arranca de mim
para que a criatura não se nutra mais
do vazio que me salta em jorros

Amamanto con mi seno inexistente

a una niña fruncida y asqueada
por el líquido que fluye
de ese suave blanco pletórico

órgano imaginario

hasta que una mano piadosa me la arranca
para que la criatura no se nutra más
del vacío que me salta a chorros

Diz o especialista para preencher de alpiste

o buraco do esvaziamento inacabado

Diz que é maleável e tem peso

não causa rubores nem suores

é suave ao toque e anatômico

o alpiste

não é apenas comida de passarinhos

é preenchimento de seres corroídos

alimento da imaginação-ave

que pía enquanto a mão se eleva

na carícia insuportável

do que já não é

Dice el experto que rellene con alpiste

el hueco del vaciamiento inacabado

Dice que es maleable y tiene peso

no causa bochornos ni sudores

es suave al tacto y anatómico

el alpiste

no es tan solo comida de pajaritos

es relleno de seres roídos

alimento de la imaginación-ave

que pía mientras la mano asciende

en la caricia inaguantable

de lo que ya no es

Fui à loja

e comprei um seio
É durável e caro
tem o peso adequado
será que ele cai do sutiã?
e se balança tão sensualmente
como um vivo?
e se alguém o toca
e eu sinto
ou lembro como é sentir
um toque no mamilo
e me inflamo ainda que estejam mortas
as terminações nervosas?
e se cai
o desejo
morto no sutiã?

He ido a la tienda

y he comprado un seno
Es duradero y costoso
tiene el peso adecuado
¿será que se cae del sujetador?
¿y qué si se balancea tan sensualmente
como uno vivo?
¿y qué si alguien lo toca
y yo siento
o recuerdo cómo se siente
un toque en el pezón
y me enciendo aunque estén muertas
las terminaciones nerviosas?
¿y qué si se me cae
el deseo
muerto en el sujetador?

Ninguém me perguntou

se eu não queria ser lançada ao inferno
e sem mais arrancaram meu olho
cortaram minha mão

Nadie me preguntó

si no quería ser arrojada al infierno
y sin más me arrancaron el ojo
me cortaron la mano

Minha prótese e eu fomos viajar

É verdade que ela me carrega
em seu corpo frio
e às vezes esquece da minha existência
da dela
Poderia ir sem mim
mas carrega humildemente
este resto sobre as costas

Mi prótesis y yo hemos ido de viaje

Es verdad que ella me lleva
en su cuerpo frío
y se olvida a ratos de mi existencia
de la suya
Podría ir sin mí
pero lleva humilde
este resto a costas

Referências

- Albuja, M. (2023). *Autorretrato*. Bichito.
- De la Torre, S. (2023). *Cola de réptil*. Bichito.
- Donoso, M. (2023). *Gotea*. Bichito.
- Góes Neto, A. (2023). Relações literárias entre Brasil e Equador: um convite aos estudos comparados. *Pucara*, 2(34), 40–50. <https://publicaciones.ucuenca.edu.ec/ojs/index.php/pucara/article/view/4969>
- Soria, R. (2023). *Casa de mariposas negras*. Bichito.
- Toledo, J. (2023). *Lugares*

Biodatas

Antônio Fernandes Góes Neto es Licenciado en Letras (Portugués/Lingüística), Magíster en Letras por la Universidad de San Pablo, PhD. en Educación por la Facultad de Educación de la Universidad de San Pablo (USP) y colaborador permanente de las comunidades del pueblo Medzeniako para el desarrollo de su escolarización propia, a través del Centro Universitário de Investigações em Inovação, Reforma e Mudança Educacional (Ceunir-FEUSP). Profesor visitante de la Universidad Andina Simón Bolívar, sede Ecuador (UASB) en el Área de Letras y Estudios de la Cultura. Lector del Instituto Guimarães Rosa (IGR) junto a la Embajada de Brasil en Quito, Ecuador. Editor de la Revista *Letra Indígena* (UFSCar).

Bruna Chung Abate es estudiante de licenciatura em Letras (Portugués/Español) en la Universidad de San Pablo. Forma parte del equipo del programa *Escolas2030*, coordinado por la Fundación Aga Khan, en Brasil, cuyo propósito es establecer nuevos criterios de evaluación del aprendizaje, fundamentados en la aplicación de una educación holística y transformadora, con el fin de garantizar la educación de calidad en Brasil y demás países del Sur Global. Además, se dedica a la investigación de prácticas educativas innovadoras en la educación escolar indígena, en colaboración con el Centro Universitário de Investigações em Inovação, Reforma e Mudança Educacional (Ceunir-Feusp). En el año de 2021, debutó con *Descobertas na Cozinha*, en la segunda edición de POÇA, una antología independiente de textos poéticos producidos por mujeres brasileñas.